

# A VOZ DO EXTERNATO «D. ANTÓNIO BARROSO»

ÓRGÃO DOS ALUNOS DO EXTERNATO «D. ANTÓNIO BARROSO».

Director — Luis Alberto Godinho Meira (4.º ano)

Editor — J. Bessa Meneses e Sousa (4.º ano)

PROPRIEDADE DO EXTERNATO «D. ANTÓNIO BARROSO» — ALVARÁ N.º 1.507

ESTABELECIMENTO DE ENSINO PRIMÁRIO E LICEAL PARA O SEXO MASCULINO

CAMPO DE S. JOSÉ — Telef. 8511 — BARCELOS

Composição e impressão: TIP. «VITÓRIA» — BARCELOS

## A Voz da Primária

D. ANTÓNIO BARROSO

amigo das crianças

*D. António Barroso era natural de Remelhe. Como sempre se distinguiu muito pela sua grande inteligência, chegou a ser missionário na África e bispo no Porto.*

*Não só foi notável pela sua inteligência, mas também pela sua grande bondade. O que mais o preocupava era fazer bem e ensinar.*

*Tinha grande e particular estima pelas criancinhas, a quem tratava com todo o amor e carinho.*

*Devemos imitá-lo na sua enorme bondade, e como ele estudar de maneira a podermos chegar a ser homens de algum valor.*

*O nosso Colégio tem o seu nome, o que acho deveras acertado, havendo nele uma fotografia de D. António Barroso.*

*Em breve vão celebrar-se grandes festas em sua honra, e eu e todos os meus colegas procuraremos também contribuir para que elas sejam do maior esplendor.*

Júlio Augusto de Magalhães Faria

(4.ª classe e admissão ao Liceu)

## 1.º de Dezembro

No 1.º de Dezembro realizaram-se as tradicionais cerimónias patrióticas, tendo a ala da Mocidade Portuguesa desta cidade comemorado também este dia festivo.

De manhã, foi celebrada uma missa na Igreja Matriz, finda a qual todos os filiaidos se dirigiram em desfile ao ginásio do nosso Colégio, onde teve lugar uma sessão, a que assistiram os dirigentes da M. P. e os directores do Colégio.

## A Semana do Ultramar

### ANGOLA

**D**A sua grandiosa e inigualável empresa — os Descobrimentos — que em tão boa hora o querido filho de D. João I, o imortal Infante D. Henrique, iniciou, havia de surgir um dia um arrojado e destemido navegador que descobrisse a mais notável e encantadora de todas as nossas terras de além-mar. Assim sucedeu, de facto.

Por alturas de 1482 arriba o heroico Diogo Cão a um território desconhecido, mas que logo diviso de extenso, variado e rico. Gradualmente, foram os portugueses captando as populações nativas, efectuando a ocupação do território, por meio duma colonização, que a princípio se fez exclusivamente por missionários católicos e comerciantes. Diversas expedições se efectuaram, então, quer de penetração pacífica, quer de penetração guerreira, pois era necessário que os portugueses mantivessem o seu prestígio perante um povo sem qualquer espécie de civilização. Várias lutas se travaram nessa altura, e um dos acontecimentos de maior vulto na história de Angola é o das lutas que tivemos de empreender contra os Holandeses, que ameaçavam o nosso prestígio perante as populações nativas. É de realçar os nomes de Paulo Dias, Correia de Sousa, Luís Lopes e tantos outros que lutaram arduosamente pelo bem e engrandecimento de sua Pátria.

No respeitante à cristianização da população Angolana, saliente-se a obra evangelizadora dos missionários que, suportando as mais terríveis agruras da vida e recebendo como recompensa do seu trabalho a alegria sentida depois de praticado o bem, se distinguiram notavelmente, missionando, a esses povos sem religião, a doutrina cristã, e incutindo-lhes fé e esperança no futuro que se antevia próspero e maravilhoso.

Angola é hoje um território extensíssimo e rico. Com uma superfície, aproximadamente, de 1.250.000 km<sup>2</sup>, e encerrando riquezas grandiosas, pena é que o seu clima, em grande parte, claro está, não permita a fixação do homem branco. Confinando com países, ou melhor com possessões de países que atingiram um valor extraordinário na craveira do progresso mundial, Angola superiorizar-se-á a esses países, quando a emigração se der totalmente no seu sentido. O seu clima, porém, é de veras rigoroso para a fixação do branco. Pena é que assim suceda, pois não lhe faltam recursos naturais nem extensão de terras capazes de suportar uma grande população.

É-me impossível descrever aqui os enormíssimos recursos naturais que a maior de todas as nossas províncias ultramarinas encerra. Contudo, no que respeita ao revestimento vegetal e animal, direi que Angola é abundantíssima em fauna e flora. Infelizmente são inúmeros os animais nocivos ao homem e às suas culturas: chimpanzés, gorilas, leões, leopardos, panteras, elefantes, girafas, zebras, antílopes, búfalos, pacaças, rinocerontes, serpentes venenosas, a gibóia, insectos perigosos, como

(Continua na página 4)

## No Centenário de ALMEIDA GARRETT

**C**EM ANOS são passados sobre a morte da grande figura da Literatura Portuguesa que é Almeida Garrett, e tudo se conjuga para que esta data seja comemorada condignamente.

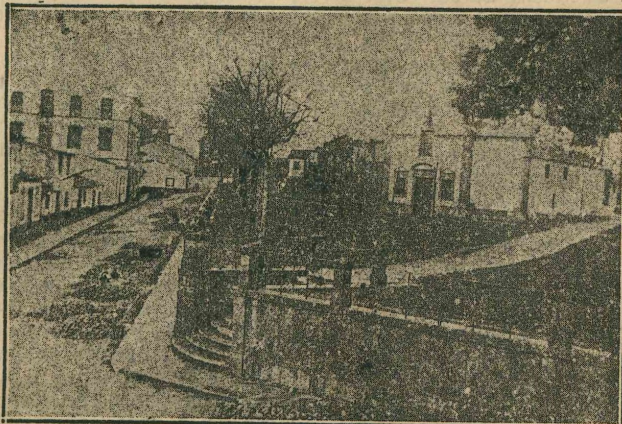
Nada mais justo. O autor do «Frei Luís de Sousa» pertence ao grupo das raras pessoas cuja passagem pelo mundo parece querer demonstrar que a humanidade tem em si algo de sublime, e não é apenas um agregado de homens formados pelo barro grosseiro.

A sua obra — das mais variadas de todos os nossos escritores — é imortal!

Os seus livros são verdadeiros monumentos na literatura nacional!

Juntamente com Alexandre Herculano, foi Almeida Garrett quem introduziu o Romantismo em Portugal, com os seus poemas «Camões» e «D. Branca», depois de ter tomado contacto no exílio com essa nova corrente literária.

Almeida Garrett foi também o reformador do Teatro Nacional, e estes dois factos só por si eram já bastantes



Um aspecto do Campo junto ao Colégio, vendo-se a um lado a Capela de S. José

## A NOSSA COMUNHÃO PASCAL

A exemplo do ano passado, realizou-se a Comunhão Pascal colectiva deste Externato, a coincidir com o termo dos trabalhos escolares do 2.º período.

A cerimónia teve lugar na capela de S. José, tendo o assistente religioso do Colégio celebrado missa, durante a qual o Senhor Prior fez a explicação do significado daquele acto religioso.

Todos recebemos no final uma lembrança da Comunhão Pascal colectiva, que teve a presença de todos os alunos, Excelentíssimos Professores e Directores.



## A propósito do «fiel amigo»

○ Bacalhau é um peixe com cabeça volumosa, boca larga, e ligeiramente achatado na parte média posterior. Pesca-se na Terra Nova e Nova Escócia em Abril, quando o tempo permite o estacionamento dos barcos naqueles mares, e na Groenlândia em fins de Julho, quando começam os degelos, até Outubro. Neste mês as águas arrefecem e os cardumes fogem para as costas das Islândia e Noruega. Na Islândia, devido à sua óptima situação geográfica, pesca-se bacalhau quase todo o ano.

Prefere as águas frias entre dois a seis graus, e logo que a temperatura desce ou sobe além daqueles limites procura as grandes profundidades entre cem a duzentos metros, vivendo especialmente a duzentos e cinquenta metros.

A fêmea desova entre setenta a duzentos metros, em águas pouco frias e menos salinas, de Setembro a Março nas costas Americanas, de Março a Julho na Terra Nova, e de Fevereiro a Maio na Islândia, Groenlândia e Noruega. Põe de cada vez cinco, sete e mesmo nove milhões de ovos, e normalmente faz dez a doze posturas. Os ovos ficam boiando nas águas.

para o levarem a ser incluído no número d'aqueles que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando».

O drama «Frei Luís de Sousa» marca uma época no Teatro Português. Até então as obras teatrais eram escritas em verso, mas após o aparecimento deste drama, escrito sob a influência da nova corrente literária da época—o Romantismo—passaram a ser escritas em prosa.

Mas deste portuense ilustre outras obras refulgem com igual intensidade, como os romances «Viagens na Minha Terra» e o «Arco de Sant'Ana».

«Viagens na Minha Terra», escrito à maneira de diário, descreve uma viagem feita pelo autor ao Ribatejo. E que lindo quadro esse do vale de Santarém, tão belamente pintado nas páginas do seu romance! A sua linguagem é atractiva e bela, elegante e espirituosa.

Almeida Garrett não se distinguiu sòmente como Homem de Letras; foi também notável político, tendo sido uma das mais destacadas figuras no Parlamento, onde se distinguiu pelos seus discursos, e chegou mesmo a desempenhar o cargo de Mi-

É um animal muito voraz, comendo grande quantidade de peixe pequeno, sobretudo arenques. Em Portugal a seca do bacalhau faz-se ao sol, não muito forte. O peixe seco em estufas cura mais depressa e melhor, mas o curado ao ar livre fica mais gostoso e permanece mais tempo sem alteração. A seca ao sol dura uns dez dias.

Na Noruega, Islândia, Terra Nova e Groenlândia, a seca faz-se colocando o peixe nas rochas, ou ainda em caixilhos de madeira com rede. No Canadá, antes de posto a secar é prensado levemente entre panos de algodão e camadas de musgo e serradura, até perder grande percentagem de humidade.

A seca é depois tão rápida que algumas horas de exposição ao sol bastam para uma boa cura.

José Maria de Bessa Meneses e Sousa  
(4.º Ano)

## Intronização do Crucifixo

No Gabinete do Centro Escolar da M. P., instalado neste Colégio, procedeu-se à intronização solene do Crucifixo, que foi benzido pelo nosso assistente religioso.

nistro dos Negócios Estrangeiros.

É, portanto, de tão ilustre ornamento da nossa Literatura que vai celebrar-se o 1.º centenário do falecimento.

O Porto, terra natal do poeta, levado pelo bairrismo e gratidão do seu povo, patenteados em todos os tempos, prepara uma homenagem condigna a este seu filho ilustre, nessas comemorações.

Entre outras cerimónias, anuncia-se um ciclo de conferências e o descerramento de uma estátua da autoria do Mestre Barata Feyo.

Atualmente, a melhor homenagem que lhe podia ser prestada era, como li algures, a publicação de toda a sua obra a preços acessíveis a todo o povo.

No Ministério da Educação Nacional tomou posse uma comissão composta pelas individualidades de maior prestígio nas letras e no Teatro, para organizarem o programa geral das comemorações.

Oxalá tudo se venha a revestir do brilho que merece o Homem que ligou o seu nome às melhores páginas da Literatura Portuguesa!

José David  
(5.º Ano)

## QUADRO DE HONRA

### EXAMES DE 1953-54

#### 1.º CICLO

António Faria Lemos	— 16 valores (Distinto)
Armindo da Silva Machado	— 16 » ( » )
Cândido Pacheco Araújo	— 14 » (Bom)
Manuel A. da Silva Dantas	— 14 » ( » )

#### 2.º CICLO — LETRAS:

Carlos Correia	— 14 valores (Bom)
José Luis N. de Brito	— 15 » ( » )

#### 2.º CICLO — CIÊNCIAS:

Carlos Correia	— 18 valores (Distinto)
José Luis N. de Brito	— 16 » ( » )
António C. e Silva	— 16 » ( » )

## Ⓞ culto das árvores

AS árvores são muito úteis ao homem, que as utiliza para os mais diversos fins.

Uma das grandes utilidades das árvores está na sombra que elas projectam, graças à qual podemos passar horas agradáveis, nos dias mais quentes. Tenho experimentado estudar as minhas lições à sombra delas, e parece-me aprendê-las melhor, porque o nosso espírito sente-se mais leve, à semelhança do que sucede quando as estudamos de manhãzinha.

Muitas vezes à sombra das árvores descansamos e tomamos mesmo as nossas refeições.

Parques e jardins tornam-se lindos e frescos devido à sua arborização.

Por isso nós sentimos o desaparelhamento das árvores com as quais estamos habituados a viver mais de perto.

Vem a propósito lembrar uma passagem do romance «A Morgadinha dos Canaviaes», de Júlio Dinis. Um velho homem, sem família, vivia sózinho numa pobre casa que tinha um pequeno quintal com árvores antigas.

Tendo sido determinado um dia, para abertura duma estrada, que a casa fosse demolida, bem como as árvores, ao Tio Vicente—tal era o nome do pobre velho—pouco faltou para morrer ao ter conhecimento daquela decisão. Uma tarde apareceram os trabalhadores para deitarem a casa abaixo. A desolação do pobre velho não podia opor-se à destruição. O velho quis então assistir à destruição de tudo aquilo que desde pequeno se habituara a ver, e para isso foi colocar-se num monte próximo, donde se divisava a demolição. Cada uma das árvores que o homem via cair parecia arrancar-lhe a vida, e o velho Tio Vicente fechava os olhos chorando como uma criança!

Depois de derrubadas as árvores o pobre velho nem forças tinha para arredar dali, tão desolado e triste se encontrava. Já quase de noite começou a caminhar para a casa dum seu grande amigo, Augusto, que o acompanhou durante a demolição e que prometeu dar-lhe abrigo até à hora da morte.

Este episódio põe em evidência o amor que aquele homem tinha às árvores que faziam parte da sua própria vida.

O nosso culto pelas árvores deve levar-nos a plantá-las sem a preocupação de que venham a dar fruto ainda na nossa vida, pois que muitas das árvores que agora apreciamos foram também plantadas pelos nossos antepassados. A este propósito conta-se também um caso curioso.

Um dia estava um homem muito velho plantando uma árvore, quando por ali passou o rei, que se riu daquilo enquanto se acercava do homem e lhe perguntava a idade. Pela resposta do velho, ficou o rei sabendo que ele tinha para cima de oitenta anos. O rei perguntou-lhe então quantos anos pensava ele viver ainda para colher da árvore o respectivo fruto. O velho, porém, respondeu que tinha grande contentamento em a plantar, sem pensar se seria ele ou outros depois dele que haviam de colher os frutos, pois que, como os seus pais plantaram para ele as árvores que tinha, também ele devia plantá-las para os seus filhos virem a utilizar-se delas mais tarde.

O rei, surpreendido com a lição que recebera do ancião, premiou-o logo com avultada quantia em dinheiro, que foi afinal para o ancião o primeiro fruto da árvore que plantara.

ANTÓNIO DE FARIA LEMOS  
(5.º Ano)



## Dizíamos ontem...

ASSIM começou a sua preleção Frei Luís Ponce de Leon, após o grande período de prisão inquisitorial, prisão que se deve a embriração de invejosos e despeitados, quando o grande frade poeta dava lições sobre a «Vulgata» na Cátedra de Salamanca.

Absolvido sem censura e ocupado o lugar antigo, quando o auditório esperava referências azedas aos seus acusadores, começou a lição pelas palavras que nos servem de título, como se o intervalo fosse apenas de um dia e de ninguém se tivesse de queixar.

Também nós presos, não por condenação de qualquer tribunal (o consenso íntimo é o único tribunal que nos julga), mas pelos deveres a cumprir, que são muitos, agarrados ao cepo das nossas ocupações quotidianas, há um ano que não voltamos a Barcelos, desde que em Junho de 1953 tivemos o prazer de visitar o Colégio D. António Barroso.

Dizíamos ontem (há um ano), na entrevista concedida pela Excelentíssima Direcção do Colégio, Dr. José Rodrigues Fernandes e Dr. Luís Fernandes de Figueiredo, quando pela primeira vez, a convite, viemos a Barcelos — «que augurávamos um futuro brilhante a este Estabelecimento de Ensino, vistas as condições verdadeiramente únicas e a situação de privilégio».

Nesta segunda visita (no 2.º ano também do seu funcionamento), verificámos com prazer que as nossas previsões se vão realizando.

Chegámos a Barcelos no 1.º de Maio desta primavera atrasada, em que nos campos há preguiças ainda nas culturas e hesitações nos verdes. O Minho é uma romaria todo o ano, e Barcelos, neste dia, enfeita-se e alinda-se à maravilha, a fim de receber com garbo os milhares de forasteiros às festas das Cruzes.

E a dois dias da festa já se ouve cantar, em ranchos, a moda nova... e os tamborileiros, vulgo Zés P'reiras, dominam as terras d'Aquém e d'Além Cávado...

Anda no ar o perfume esparso dos favais, dos alecrins selvagens e das violetas e cravos de seus artísticos jardins.

A passo lento fomos fazendo matéria de tudo o que víamos — nas Avenidas, no Campo da Feira — até que chegámos, pingados de chuva, porque o dia estava mau, e barbeados por um ventinho dos mais impertinentes, ao Colégio D. António Barroso.

Uma visita destas dá-nos sempre, de graça, algum ensinamento.

Subimos escadas, abrimos portas de aulas, de gabinetes. Tudo em ordem, tudo completo, tudo asseado, e dum conforto sóbrio. O asseio não é uma das formas do brio?

E, enquanto percorríamos as dependências, sós, alguém nos dizia baixinho que o Colégio se impôs e tem já reputação.

Entrámos no ginásio construído no decurso do ano findo, mobilado a preceito para os fins em vista. Espaldares, bancos-carteiras, tudo falando-nos de que a par da instrução se cuida do desenvolvimento físico.

Os alunos da Primária formigam por aqui, por ali, no intervalo de aula a aula, contentes porque souberam a lição, até que o mestre, presente, balanceiro propulsor da cultura, os chama para a continuação da moenda.

Também soubemos que este ano o número de alunos foi já mais elevado, e que no próximo o número deles tende a aumentar ainda mais.

Mais uma vez — confessamos — retirámos bem impressionados, e

## Desporto

### CAMPEONATOS ESCOLARES

1953/54

### ANDEBOL

4.º Ano A, 9 — 3.º Ano, 4

Os grupos alinharam:

3.º Ano: Manuel Pereira, Jorge, Dantas, João de Deus (3), Lemos (1) e Matos.

4.º Ano A: João António, José Maria, João Moreira, Arantes (4), Meira (4) e Rocha (1).

5.º Ano, 11 — 4.º Ano B, 11

As equipas alinharam:

5.º ano: Arlindo, Santos (5), Araújo (3), Costa (2) e Moreira (1).

4.º ano B: J. Moreira, Pias, Patrocínio, J. Carvalho (3), Rui Reis (2) e Carlos Pereira (6).

4.º Ano A, 24 — 4.º Ano B, 2

As equipas alinharam:

4.º Ano A — João António, P. de Sousa, José Maria (1), Meira (12), Arantes (8) e Rocha (3).

4.º Ano B — Moreira, Carvalho, Patrocínio, Reis, Carlos Pereira (2) e Pias.

5.º Ano, 18 — 3.º Ano, 14

Os grupos alinharam:

5.º Ano: Campos, Santos (1), A. Araújo (1), David (9) e Costa (7).

3.º Ano: P. Sousa, J. Brandão (2), José Luís (6), Lemos (2) e João de Deus (4).

3.º Ano, 18 — 4.º Ano B, 6

Os grupos alinharam:

3.º Ano: Jorge, Brandão, Matos (4), João de Deus (12), e Lemos (2).

4.º Ano B: Moreira (2), Carvalho, Patrocínio, Rui Reis (1) e Carlos Pereira (3).

5.º Ano, 14 — 4.º Ano, 12

Constituição das equipas:

4.º Ano A — João António, José Maria, Rocha (2), J. Arantes (6), Luís Meira (3) e Carlos Pereira (suplente) (1).

5.º Ano — Moreira, Santos,

esperamos na próxima visita verificar novos progressos, pois que a Ex.<sup>ma</sup> Direcção está disposta a continuar a obra até ela atingir a relativa perfeição, sem parar no meio da rampa.

Por aqui ficamos, e perdoem-nos estas meras notas de carteira, tomadas no momento em que nos impressionaram.

Maio de 1954.

Constantino Gomes

## A Organização Nacional da M. P.

(Continuação da página 4)

a pisar a estrada, orlada de precipícios, da vida moderna, tão agitada e incaracterística.

Tem também a M. P. uma função pre-militarista que é de grande utilidade. Com efeito, a M. P. mantém, em quase todas as suas alas, Centros de Milícia, onde os jovens colhem ensinamentos aplicáveis na sua futura vida militar.

Educados dentro dum sistema disciplinar que, não sendo rígido, não se pode considerar brando, todos os rapazes da M. P. que tenham a honrosa obrigação de servir o seu País saberão dignificar, com o seu comportamento, a organização a que pertencem.

Criando a M. P. uma juventude que tenha por ideal a máxima latina de Juvenal «mens sana in corpore sano», poderá a Nação confiar abertamente na geração futura, porque ela saberá honrar a sua Pátria, e conservá-la-á no lugar prestigioso que por direito ocupa entre as outras nações do mundo.

José Moreira da Silva

Comandante de Castelo

(5.º ano)

David (12), Costa (2), V. Miranda e Grenha (suplente).

Árbitro: Domingos Saraiva.

O resultado da partida está de acordo com o desenvolper da mesma. A superioridade do 5.º Ano, na primeira parte, foi bem visível. De notar a a série de golos apontados por David e a infelicidade do guarda-redes quartanista.

Na segunda metade o 4.º Ano melhorou sensivelmente e atacou com mais eficácia.

Durante o desafio só se verificou uma substituição: a de Rocha por Carlos Pereira.

### Classificação final

Campeão de 953/54 — 5.º Ano  
Vice-Campeão . . — 4.º Ano

### VOLEIBOL

Apuramento — 2.º ano — 1.º ano, 2-1

Meias finais — 4.º ano — 2.º ano, 2-0

5.º ano — 3.º ano, 2-0

Final — 5.º ano — 4.º ano, 2-0

### Classificação final

Campeão de 953/54 — 5.º Ano  
Vice-Campeão . . — 4.º Ano

## «O NOSSO PASSEIO»

AINDA não havia soado a hora marcada e já muitos estudantes tomavam lugar nas duas camionetas, quase todos com o tradicional embrulho do farnel, tão característico nestas ocasiões.

Pelas 15 horas foi dada a partida, tendo nós deixado a nossa linda terra no meio de entusiásticos vivas e de alegres cantigas.

Pelo caminho fomos admirando as belas paisagens minhotas, que se iam desenrolando diante dos nossos olhos, e que apesar de tão nossas conhecidas não nos cansamos de admirar.

Logo que chegámos a Viana do Castelo dirigimo-nos aos estaleiros navais, que visitámos detalhadamente. Admirou-nos sobretudo o aspecto de grandeza que em tudo se manifestava, e a grande actividade das centenas de operários que ali trabalham.

Em seguida fomos a Santa Luzia, donde contemplámos deslumbrados o belo e extenso panorama que dali se divisa.

A cidade, com os seus arredores, o rio Lima, o mar, tudo de lá se avista, constituindo um harmonioso conjunto que bem merece ser visto e apreciado. Chamou-nos também a atenção o Santuário que, quer pela sua beleza arquitectónica, quer pelo seu aspecto imponente, foi alvo dos nossos elogiosos comentários.

Cerca das 17 horas voltámos a Viana, para assistirmos ao desafio de andebol tão ansiosamente aguardado, entre as equipas do nosso Colégio e da Escola Técnica daquela cidade.

O jogo foi bem disputado, tendo terminado com a vitória justa do nosso grupo, por 11-5.

Foram estes os componentes da nossa equipa: A. Araújo, (depois João António), Santos Silva e José Maria; G. Costa (depois Arantes); José Luís, Arantes (1) (depois G. Costa—4) e José David (6).

Ao fim da tarde iniciámos a viagem de regresso a Barcelos, contentes com o triunfo obtido e com a maneira agradável com decorreu este nosso passeio.

Luís Alberto G. Meira

(4.º Ano)

## A Semana do Ultramar

No ginásio do nosso Colégio, com a presença dos directores, professores e alunos realizou-se uma sessão integrada na Semana do Ultramar.

Usaram da palavra o prof. Padre Abel Gomes da Costa e o aluno do 5.º ano Manuel Gomes da Costa, que apresentou um trabalho sobre Angola que publicamos na 1.ª página do nosso jornal.

### Num restaurante:

— Ó rapaz, esta carne é de burro!

— Não, senhor, é de vitela.

— Asseguro-te que é de burro.

— Está completamente enganado.

Se nós nos servíssemos de carne de burro, não tínhamos já nem um fre-guês.

### No Tribunal:

— Como se chama o réu?

— Se V. Ex.<sup>a</sup> me permite, sr. Juiz, peço licença para guardar o incógnito.



## A campanha contra o analfabetismo

A instrução tem para nós o máximo valor.

Para que a Nação seja culta, é necessário que se edifiquem escolas, nas quais depois existam professores especializados e competentes. Só com eles será possível tornar próspero um estado.

Também a instrução nos auxilia na vida. Quem não souber ler nem escrever, não poderá desempenhar cargos que requeiram tal faculdade. Sem a instrução pouco nos distinguiríamos dos seres irracionais.

Repare-se na triste situação daquelas pessoas que recorrem a outras para lhes escreverem ou lerem as suas cartas, e que se mostram humilhadas quando se vêem obrigadas a divulgar coisas que desejariam conservar em segredo!

Já que somos dotados de inteligência, temos obrigação de a saber aproveitar convenientemente.

É por meio dos nossos méritos intelectuais que, muitas vezes, conseguimos alcançar altas posições na sociedade. Se desprezamos a nossa formação intelectual, somos considerados seres inúteis, que não contribuímos para a valorização do nível intelectual da pátria a que pertencemos. Portanto, a instrução, além de ser um benefício individual, é também um dever patriótico.

Embora haja ainda quem considere a instrução como um factor sem importância, pelo contrário também há aqueles que procuram instruir-se por esforço próprio. Merecem estes a admiração daqueles que os cercam, porque, não tendo quem os auxilie, aprendem à sua custa.

A Campanha Nacional de Combate ao Analfabetismo, tendo por fim reduzir ao mínimo o número de ignorantes, tem ainda a vantagem de lhes mostrar o valor do saber, que na estrada da vida lhes indica o caminho mais seguro para ir ao encontro da felicidade.

Em boa hora tomou, pois, o Governo de Salazar a iniciativa de tão útil campanha nacional, superintendida pelo Ministério de Educação Nacional.

*Armindo da Silva Machado*  
(5.º ano)

### ADIVINHA

*Quais os dentes que aparecem em último lugar?*

## A Semana do Ultramar

(Continuação da página 1)

a mosca tsé-tsé, que provoca a doença do sono, tudo isto se encontra em Angola. A flora é também variadíssima e vai desde as grandes florestas até às ervas mais mesquinhas que se encontram por toda a parte. Das plantas que em maior abundância se cultivam em Angola citaremos o milho, a mandioca, o cafezeiro, a cana do açúcar, o algodoeiro, a batata doce, o tabaco, encontrando-se mais acentuadamente nos planaltos as culturas das zonas temperadas como os cereais, legumes e árvores frutíferas.

O sub-solo é também duma riqueza notável, encerrando, desde os metais mais comuns, como o ferro e o cobre, até aos minérios mais ricos, como o diamante e outros.

O mar de Angola é extraordinário de riqueza em peixe; nele se encontra a sardinha, a pescada, o atum, uma grande variedade de custáceos, a baleia, etc., e por isso mesmo já se tem preconizado abastecer Portugal com a pesca do Sul de Angola.

Depois, pela ordem de valor natural, existem os rios, numerosos rios, que embora não sejam muito navegáveis, são, no entanto, muito aproveitáveis na irrigação das terras e na produção de energia eléctrica.

Por tudo isto se vê, e por muitas mais coisas que os poucos conhecimentos não me permitem aqui mencionar, que Angola é uma província riquíssima, com recursos naturais variadíssimos e abundantes, capazes de sustentar muitos milhões de indivíduos.

A população total de Angola é de 3.750.000 habitantes. Relativamente à superfície e aos seus recursos é insignificante, pois a densidade é de 5 hab./km<sup>2</sup>. É constituída na sua grande maioria pelos indígenas que vivem organizados em tribos, e que divergem tanto nos caracteres físicos como nos costumes e aptidões. Alguns dedicam-se à agricultura, outros ao comércio, à exploração da borracha, da cera e do marfim, e outros ainda dedicam-se à criação de gados e indústrias rudimentares. Os colonos brancos dedicam-se sobretudo ao comércio, à indústria, e são os que ocupam os lugares públicos.

Um dia virá em que a população branca terá atingido um grande número, pois Angola possui óptimas condições para colónia de povoamento. Sobretudo o litoral do Sul e as grandes regiões planálticas oferecem aos colonos europeus um bom clima com estação fria e possibilidades de cultivar os produtos das zonas temperadas a que foram habituados. Um bom exemplo se verifica com a cidade de Sá da Bandeira, que teve como fundadores um núcleo de famílias da Madeira. E, como esta, outras cidades têm possibilidades de prosperar, engrandecendo assim a nossa maior província ultramarina. Estão neste caso Moçâmedes, fundada por portugueses vindos do Brasil, e a Baía dos Tigres e Porto Alexandre, onde se instalaram as colónias piscatórias, com pescadores emigrados essencialmente do nosso Algarve. Além destas, outras cidades são de notável valor dentro do quadro progressivo de Angola.

Luanda, a capital da província, com uma população superior a 130.000 habitantes, deve o seu grande desenvolvimento ao magnífico porto que possui e ao caminho de ferro que vem do rico planalto de Malange.

Nova Lisboa, o segundo centro populacional, situada no planalto de Benguela, possui um óptimo clima para a fixação do colono europeu. É servida pelo caminho de ferro de Benguela.

Lobito e Benguela, óptimos portos, são hoje cidades com cerca de 20.000 habitantes, servidas pelo mais importante caminho de ferro de Angola, com um tráfego comercial intenso. São duas cidades que apresentam um futuro muito próspero.

Dentro de poucos dias será Angola visitada pelo Chefe do Estado. Em menos de 20 anos, o mais alto magistrado da Nação, num gesto que não tem precedentes nos séculos anteriores, distingue Angola com a sua presença, afirmando, com esta solidariedade afectuosa e inabalável que une todas as parcelas da Nação Portuguesa, o justo apreço pela acção desenvolvida.

Angola, cuja história não tem ainda cinco séculos, pode dizer-se que é tão portuguesa, nos sentimentos dos povos que a habitam e sua fisionomia adquirida, como qualquer das nossas províncias da metrópole. No seu passado assenta, em grande parte, a obra magnífica que, presentemente, se vem realizando com vista a uma posição de enorme destaque no futuro, dentro do quadro da Comunidade Portuguesa.

*Manuel Games da Costa*  
(5.º ano)

## O Cantinho da J. E. C.

TAMBÉM a J. E. C. tem direito a um cantinho do nosso jornal... Ora se não havia de ter... Ainda para mais neste Ano Santo Mariano!

Nós queremos dizer alguma coisa do pouco que fizemos em relação ao muito que desejariamos ter feito. Não podemos contar tudo, nem o devemos fazer, para não desvirtuar as nossas actividades.

Basta que Deus as conheça... As nossas devoções mais íntimas, fomentadas pela J. E. C., as nossas reuniões de piedade, os nossos terços bem rezados quotidianamente,

as comunhões das primeiras sextas-feiras foram feitas com os olhos postos somente no Senhor, em humildade, sem o aparato das coisas mundanas...

Queremos, no entanto, destacar o ardor com que os rapazes da J. E. C. (e muitos outros que eles trouxeram — quase todos os do Colégio) celebraram a  *festa da Imaculada Conceição* . Tivemos uma novena preparatória, em que rezávamos e cantávamos diante duma linda imagem da Senhora da Conceição, em altar preparado por nós, na Capela de S. José, junto ao Colégio. Era bonito ver a piedade edificante dos estu-

## A Organização Nacional da M. P.

É a Mocidade Portuguesa uma organização que visa a educação integral da juventude. Procura a organização o desenvolvimento integral do jovem, isto é, a sua educação física, moral e intelectual.

Para este fim, chama a si rapazes vindos de todas as camadas sociais, aproveitando-lhes as boas qualidades e limando defeitos que mais tarde lhes seriam prejudiciais. Organizando competições desportivas que suscitam sempre grande entusiasmo, educa-lhes o corpo, tomando muitas vezes um ser fraco e dominado por inexplicáveis complexos de inferioridade num rapaz forte, desembaraçado e habituado a encarar de frente os seus problemas. E, na verdade, todo aquele que como bom desportista saiba ganhar com dignidade, não amesquinhando o seu adversário, e perca mantendo o bom humor sem procurar justificações tantas vezes descabidas, terá dado um grande passo no sentido do seu aperfeiçoamento moral.

Por meio de conferências, sessões culturais, passeios de estudo, concessões de bolsas de estudo, procura a M. P. dar aos seus filiados novos conhecimentos no campo intelectual.

Mantém a organização em cada Ala um assistente religioso, que vela pelo comportamento moral dos filiados, ensinando-os com os seus conselhos oportunos e discretos

(Continua na página 3)

### R. Os dentes postiços.

dantes, que atraía muitas pessoas, das nossas famílias e estranhas, para a novena. E depois todos nos confessámos, na véspera, e comungámos no grande dia de Nossa Senhora — a Padroeira dos Portugueses.

Para aproveitar convenientemente este Ano Santo, também nós tomaremos parte na grande peregrinação nacional ao Sameiro, e temos projectada uma peregrinação (só do nosso Colégio) à Franqueira — o Santuário Mariano mais antigo e de maior devoção no concelho — para lucrarmos as indulgências e as graças do Ano Santo.

Assim nós continuamos a trabalhar pela expansão do Reino de Cristo nas almas, correspondendo ao apelo da Igreja — fazendo acção católica no meio escolar.